

Por entre feras, escutas e encantos: práticas de formar perspectivadas pela invenção

*Rosimeri de Oliveira Dias*¹

*Liliana Secron Pinto*²

*Ana Luiza Gonçalves Dias Mello*³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: O artigo parte do encanto e encontro com o livro *Escute as feras*, de Nastassja Martin, para colocar em análise os usos dos diários de campo nas pesquisas em educação e os devires que neles ganham forma. É escrito por meio do encontro de três professoras, atentas aos efeitos e problematizações de uma outredade constituída nas micropolíticas de uma formação inventiva de professores. O texto se organiza pelas estações do ano para explicitar o que temos feito de nós no encontro entre universidade e escola básica. No outono, coloca-se atenção na escuta; no inverno, o foco se localiza na outredade e na heterotopia; na primavera, a dimensão autogestionária do uso do diário é analisada como dispositivo e, no verão, a escrita se encerra com uma posição ético-estética-política do trabalho com a formação inventiva e a sua posição metodológica com os diários de campo.

Palavras-chave: heterotopia; produção de subjetividade; diário de campo; formação de professores.

¹ Doutora em Psicologia UFRJ. Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Procientista da UERJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisas Ofip/CNPq.

² Doutoranda em Educação PPGEdU/UERJ Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Artista, Pedagoga e professora de Língua Portuguesa e Literatura das Redes Municipal e Estadual do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisas Ofip/CNPq.

³ Doutora em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva UFF. Doutoranda em Educação PPGEdU/UERJ Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Veterinária, bióloga, pedagoga e professora das Redes Municipais de São Gonçalo e Saquarema e da Univassouras. Membro do Grupo de Pesquisas Ofip/CNPq.

Among beasts, listening, and enchantments: perspectives of formation shaped by invention

Abstract: This article begins with the enchantment and encounter with the book *The Eye of The Wild* by Nastassja Martin, to analyze the uses of field journals in educational research and the becomings that take shape within them. It is written through the encounter of three teachers, attentive to the effects and problematizations of an otherness constituted within the micropolitics of an inventive teacher training. The text is organized according to the seasons of the year to explain what we have made of ourselves in the encounter between university and basic education. In autumn, attention is placed on listening; in winter, the focus is on otherness and heterotopia; in spring, the self-managing dimension of journal use is analyzed as a device, and in summer, the writing concludes with an ethical-aesthetic-political position regarding the work with inventive formation and its methodological position with field journals.

Keywords: heterotopia; production of subjectivity; field journal; teacher training.

Entre fieras, escuchas y encantos: prácticas de formación en perspectiva por la invención

Resumen: El artículo parte del encantamiento y encuentro con el libro *Escute as feras*, de Nastassja Martin, para analizar los usos de los diarios de campo en la investigación educativa y los devenires que se concretan en ellos. Está escrito a través del encuentro de tres docentes, atentos a los efectos y problematizaciones de una alteridad constituida en la micropolítica de una formación docente inventiva. El texto se organiza según las estaciones del año para explicar lo que hemos hecho de nosotros mismos en el encuentro entre la universidad y la escuela primaria. En otoño, se presta atención a la escucha; en invierno, el foco está en la alteridad y la heterotopía; en primavera se analiza la dimensión autogeneradora del uso del diario como dispositivo y, en verano, la escritura termina con una posición ético-estético-política del trabajo con formación inventiva y su posición metodológica con el campo diários.

Palabras clave: heterotopía; producción de subjetividad; diario de campo; formación de profesores.

Neste dia 25 de agosto de 2015, o acontecimento não é: um urso ataca uma antropóloga francesa em algum lugar nas montanhas de Kamtchátka. O acontecimento é: um urso e uma mulher se encontram e as fronteiras entre os mundos implodem.
(MARTIN, 2021: 97)

O que se trata de pensar quando aproximamos feras, escutas e encantos em um modo de formar perspectivado pela invenção? Como apresentar uma problematização cujo desafio não é o de enunciar o que a formação é, nem fazer ver e falar o que ela deveria ser? Como constituir uma problematização que force a pensar e não necessita de outra questão senão esta: os modos como ela terá se posicionado deslocando-se de lógicas aceleradas e solucionadoras de problemas para aquelas que abrem espaço e tempo para uma racionalidade sensível? Como, portanto, separar essa problematização das questões de autoridade e de generalidade que se agenciam em torno da noção de formação? Tal problematização adquire sentido nas situações concretas do presente, lá onde trabalhamos, nas escolas e nas universidades públicas, e requer praticantes que – e isso é um problema ético-estético-político – aprenderam a ser indiferentes às pretensões dos teóricos generalizantes, estes que tendem a definir, antecipadamente, aqueles que se posicionam como executantes, encarregados de “ministrar” uma aula, de “aplicar” uma teoria ou de capturar sua prática como forma de ilustrá-la.

Esta dificuldade em definir, que resulta em muitas perguntas, é uma primeira apresentação do que será tema deste artigo: a distinção e o caráter inseparável das proposições políticas e micropolíticas do trabalho com a formação inventiva (DIAS, PELUSO e BARBOSA, 2013). Isso ocorre na medida em que se tornam pertinentes as ações/proposições relevantes para o que podemos chamar de “formação inventiva” – a entrada na própria formação de saberes ditos próximos e das práticas relacionadas aos gestos mínimos. Em outras palavras, a formação que dizemos inventiva se propõe a acompanhar aqueles e aquelas que já realizam o movimento micropolítico associado à produção de subjetividade, e que aprendem a rir, não das teorias, claro, mas da autoridade a elas associada. Um outro tema deste texto, relacionado ao primeiro, será o de propor que a formação inventiva e o seu trabalho micropolítico ampliam a possibilidade – para professores e estudantes – de se colocarem em vulnerabilidade; vulneráveis, cumpre enfatizar a proposições emergentes dos acontecimentos, expostos a todos os mal-entendidos possíveis, a começar por sua tão previsível captura teórico-prática.

Desde já, é importante pensar que, ao nos colocarmos em vulnerabilidade, estamos tratando não de uma questão de boa vontade, individual ou coletiva: o que se trata de pensar é da ordem do acontecimento. Um acontecimento não se refere, certamente, à inspiração, à revelação súbita do cotidiano, não se opõe à explicação. Um acontecimento ganha forma quando o expressamos num modo de explicação que se encontra transformada e articulada pelo registro da arte e não da dedução. Ou seja, não se explica um acontecimento, mas o acontecimento se enuncia por entre aquilo que terá nele mesmo inventado um lugar. Parece-nos que há uma arte de operar por dispositivos (DIAS, 2014) de invenção de si e de

mundos no campo da formação. Tais dispositivos são facilmente desqualificados como supersticiosos, digamos, porque parecem convocar uma transcendência (STENGERS, 2018: 457). O que nos convoca, no entanto, é algo de outra natureza. Uma natureza heterotópica (FOUCAULT, 2013), que amplia as possibilidades de experimentar o acontecimento e de compor com ele, na imanência.

Se por um lado, as utopias, que não possuem um lugar, uma existência real, se prestam a ser o que nos conforta e acolhe, o que nos organiza e fabula; as heterotopias, por sua vez, com sua corporeidade, nos movem para a inquietude. Sua materialidade se presta a nos impulsionar, nos desestabilizar, provocar movimento, forjar deslocamentos. (SECRON, 2020: 58)

É nesta perspectiva de se posicionar acontecimentalmente, na escola e na universidade, em meio às inquietudes e desequilíbrios provocadores de deslocamentos, que este artigo ganha forma, por entre o encontro de três professoras atentas aos efeitos e problematizações de uma outredade⁴ constituída nas micropolíticas de uma formação inventiva de professores (DIAS, 2012, 2019a) e posicionadas no presente. O texto parte do encanto e encontro com o livro *Escute as feras*⁵, de Nastassja Martin (2021), colocando em análise os usos dos diários de campo⁶ nas práticas de formação inventiva e nas pesquisas em educação, bem como os devires que com eles ganham forma.

Felizmente minhas noites são mais divertidas, mas não menos surrealistas. Annia substitui Inna, Iúlia toma seu lugar. Toda noite é a mesma coisa. A enfermeira que me vigia fica sentada em uma **mesinha escolar**, no fundo da sala. Na penumbra, com uma minúscula lamparina iluminando seu trabalho, ela confecciona compressas. Ela corta, ela dobra, corta e dobra novamente. Nada é dado aqui. **Tudo é feito por mãos de mulher**. (MARTIN, 2021: 13) (Grifos nossos)

Como nas escritas de Nastassja Martin, neste artigo, nada é dado, “tudo é feito por mãos de mulheres”. Professoras pesquisadoras que se transformam ao abrirem-se à escuta, nas redes de ensino básico e de formação docente públicas, em encontros que nos arrastam para lugares outros, que instauram um caos interior, que nos provocam de tal forma que seja insustentável retornar para o lugar anterior. Encontros que nos transformam, deformam, transfiguram em mulheres outras, já diferentes de nós.

Entro num estado de estupor diante dessa Chapeuzinha Vermelho que leva meu nome, perseguida por esse urso apaixonado que não pode mais lhe falar; urso que ela também persegue sem saber, sem saber que aquele que ela ama já trocou de pele.⁷ Eles estão condenados a viver em mundos diferentes, não se entendem mais. As duas almas, ou aquilo que lhes vai por dentro, estão, a partir de agora, presas em uma pele alter que não responde mais às mesmas expressões de existência. Penso na minha história. No meu nome even, mátukha. No beijo do urso em meu rosto, nos seus dentes que se fecham em minha face, no meu maxilar que estala, no meu crânio que estala, na escuridão dentro da sua boca, no seu claro úmido e no seu hálito carregado, no aperto de seus dentes que se soltam, no meu urso que, bruscamente, inexplicavelmente, muda de opinião, seus dentes não serão os instrumentos de minha morte, ele não me engolirá.

⁴ É importante dizer, desde já, que o percurso em que pensamos a noção de outredade, com “e”, é uma prática efetiva de multiplicidade, como os leitores verão no decorrer da discussão. A outridade, com “i”, como proposta por Kilomba (2019) é um correlato de alteridade, uma contraposição mais globalizante, mais ligada à repressão.

⁵ Para situar leitores que não tiveram acesso, ainda, ao livro, fazemos uma pequena descrição, sem antecipações, visando não atrapalhar futuras leituras. Na península de Kamtchátka, Martin estabelece contato com famílias even, que tomam distância da vida na Rússia, para analisar os modos de vida tradicionais. Antropóloga francesa, Martin embrenha-se na floresta, observa, anota, escuta, avança em seu trabalho de campo criando laços de confiança e amizade. É neste contexto que se produz o acontecimento que é o coração de *Escute as Feras* – o encontro entre Nastassja e o urso.

⁶ Os diários transcritos no artigo são efeitos das pesquisas com formação inventiva das autoras. Eles entrarão em itálico, sem destaque, na composição da escrita com o texto.

⁷ Neste trecho do livro, a autora relata o momento em que levaram até ela uma televisão para ajudar a quebrar o tédio. Na tela, a história de Nastinka, uma mulher se encontra em uma floresta em busca de seu marido que, por alguma maldição, se transformou em urso.

Uma lágrima escorre em meu rosto, meus olhos lívidos continuam fixos na tela, que agora não faz nada além de refletir minha própria vida. Estou diante do espelho. Não existem mais absurdos, estranhezas, coincidências fortuitas. **Existem apenas ressonâncias.** (MARTIN, 2021: 15-6) (Grifos nossos)

Por entre encantos e encontros com um livro, com um corpo transfigurado e um corpo por vir, com a própria vida outra é que nossa escrita emerge. E por tratarmos aqui de experiências de produção de si e de marcas deixadas na pele, entendemos que nossa escrita exige uma estética de outredade (como uma estética mátukha - mulherursa) – estética que existe apenas porque faz ressoar o que fazemos entre escola básica e universidade para forjar uma formação inventiva (DIAS, 2019a, 2019b) e suas caixas de ressonância, tecidas entre o campo da educação, a pesquisa-intervenção (DIAS, 2015) e o uso dos diários de campo (LOURAU, 1993) para se constituir modos outros de formar.

Esta noção é pensada como uma exercitação de uma relação outra para com o/a outro/a, de caráter imanente e transfigurador, pois outredade concerne à constante tentativa de transformar a si mesmo naquilo que ele jamais foi, como nos sinaliza Foucault (2006). Neste sentido, outredade, com e, equivaleria ao que poderíamos chamar, em companhia de Foucault, a relação com o outro no contexto das técnicas de si com um caráter imanente e se referir a coexistências criativas que, ao mesmo tempo, despertam e são despertadas pela resistência em relação a códigos éticos, políticos, sociais que não supõem e nem permitem formas outras e distintas de viver ou de se relacionar para além dos padrões normativos socialmente aceitos. Em trabalhos anteriores, uma de nós analisa a face dos saberes docentes do Mestre Foucault, explicitando algumas lições tecidas entre os perigos discursivos e a coragem da verdade⁸.

Outredade, neste texto com a mátukha, implica suspender o olhar que parte do mesmo, deslocando-se para as fronteiras, as brechas vertiginosas do estranhamento (DIAS, 2011). Significa, inclusive, experimentar o intervalo abismal inscrito pelo tempo, deixando que o corte da problematização produza suas marcas nas remontagens forjadas entre nós. Nossa proposta passa por não temer a instância problematizadora da diferença que interroga o já suposto como óbvio e que, pela experiência entre, segue em sua invenção de si e de mundos (KASTRUP, 1999).

O que queremos dizer quando tateamos por uma estética encantada com a outredade mátukha? De que modos esta estética toca diretamente nos sentidos de realizar uma formação inventiva entre diários, com seus usos na docência, na escola e na universidade? Tais perguntas, que insistem na problematização da própria dimensão acontecimental do trabalho com formação, são desejosas de explicitar o que se constituiu por entre saberes e artes de conversar com outras e outros, para visibilizar o que emerge do próprio encontro.

Neste sentido, é ainda importante dizer que, ao se encantar com a possibilidade de invenção de si e de mundos forjada com a protagonista de *Escute as feras*, que emerge do enfrentamento produzido pelo acontecimento – um urso e uma mulher se encontram e as fronteiras entre os mundos implodem –, mas também pelo encontro da autora com a própria escrita acontecimental que produz. Com efeito, este trabalho traz a presença e a alteridade que permeiam nossas práticas de formação inventiva, com diários de campo, na escola e na Universidade.

Este artigo se propõe, então, a forçar o pensamento a pensar em uma rede de elementos que nos posicionam – com práticas de formação inventiva – de modo

⁸ Para mais detalhes ver Dias e Rodrigues (2020).

a ampliar o grau de suportabilidade para se colocar em vulnerabilidade. Neste sentido, acontecimentaliza modos de agir, de pensar, de escrever, de ser e de fazer que tensionam o que há na formação. A aposta consiste em fazer vibrar-enlaçar-abrir (DIAS, 2011) uma dimensão de escrita que nos constitui como *ethopoiesis*, o que proporciona a transformação da verdade em *ethos* (FOUCAULT, 2006).

Para tanto, estas escritas ganham um contorno que, como Nastassja Martin, ligam diários de pesquisa de professoras que colocam em análise modos de trabalhar e seus efeitos de transformação. Nestes termos, o texto se organiza, tal como no livro *Escute as feras*, pelas estações do ano, que ilustram os bons encontros e conversas que temos produzido por meio da formação inventiva. No outono, coloca-se atenção na escuta; no inverno, o foco se localiza na outredade e na heterotopia; na primavera, a dimensão autogestionária do uso do diário como dispositivo e, no verão, dá-se o mesmo quanto à posição ético-estética-política do trabalho com a formação inventiva e sua posição metodológica com os diários de campo.

Outono

Mais tarde, esse quarto de hospital e sua planta verde se transformam em laboratório; ali se encontram pessoas tão diferentes que temos dificuldade em imaginá-las lado a lado, diante daquela que enfrentou o urso. Dária e seu filho Ivan saíram da floresta deles, Iúlia, sua filha, deixou para trás o marido na base militar de Viliútchinsk para se encontrar com eles em Petropávlovsk. Uma estranha família se cria, minha mãe, meu irmão e eles, pela primeira vez no mesmo espaço-tempo, todos projetados numa zona incerta, liminar. Eu me torno um improvável elo de ligação: entre eles como seres humanos e com o mundo dos ursos lá em cima, na tundra de altitude. (MARTIN, 2021: 24)

Que experiências podem ser produzidas no encontro, por vezes inusitado, de um grupo de seres formando uma estranha família, como aconteceu com Nastassja? Como isso nos acontece em uma sala de aula? Como habitar territórios de formação, escolares e universitários, dando espaço para as aberturas, os enlaces e as vibrações, para a problematização, não necessitando do poder, da coerção e da rigidez das próprias expectativas? Como produzir uma formação inventiva que, pela sua abertura para o presente, nos coloque na experiência, transformadora de si e do mundo?

Podemos dizer que o que move uma formação inventiva (DIAS, 2012) é a aposta em manter vivo um campo problemático e sensível ao que nos acontece e que, em certo sentido, nos transforma. A noção de problematização funciona como ferramenta de trabalho para afirmar diferenças e práticas formativas que se constituem como um *ethos*.

Um modo de formar perspectivado pela invenção requer aprender a desaprender aquilo que nos conforma e nos imobiliza. Consiste em estarmos atentos ao que nos acontece, nos afeta, abertos a outras experiências, a outros modos de ver e perceber. Formação inventiva é movimento, é transformação, é conhecimento incorporado, que faculta adotar a vida como uma obra aberta. Trata-se de entender/praticar o conhecimento como produção de si e de realidade. Implica uma aposta de constituir uma vida autogerida de forma ética, estética e política. (DIAS, BARROS e RODRIGUES, 2018: 952)

Talvez, neste sentido, algo que caracteriza uma formação inventiva poderia ser o seu grau ampliado para viver os movimentos de transformação que tensionam lógicas instituídas (MELLO e DIAS, 2020). Ou seja, para pensar o impenhado no exercício de encontro com outros - o que inclui forjar desmanchamentos de certas formas e políticas coloniais antropocêntricas, para poder abrir tempo e

espaço a outros modos de se relacionar com o mundo, consigo mesmo e com os demais seres, humanos e não-humanos.

Alguns instantes depois, um gemido surdo se faz ouvir. Nós dois levantamos a cabeça, o grande cachorro branco de nome Shaman que nos acompanha se lança no sentido da correnteza. Charles me olha e me diz não vá. Eu me levanto, sua voz está distante demais, como que sufocada. Com os sentidos alertas, eu me precipito atrás de Shaman, o cão, o sangue pulsa nas minhas têmporas como deve pulsar nas dele. Eu o encontro trinta metros mais abaixo, parado como um poste junto às árvores na margem sobre a água, ele late. Tateando, avanço por trás dele, estou quase rastejando, até por fim me encontrar ao seu lado. Ali, há alguns metros de nós, está uma urso gigantesca com uma pata apoiada numa árvore e a outra pendente, ela bufa na nossa direção. Dois filhotes de urso brincam atrás dela. Meu coração explode no peito, eu me endireito um pouco e a encaro. Ela tira a pata da árvore, se apruma e fixa o olhar em nós dois, depois emite um longo rugido inapelável. Eu olho o cachorro, o cachorro me olha. Recuo baixando lentamente, estou fora do alcance da vista, eu me viro, corro a toda velocidade na direção do buraco no gelo onde deixei Charles, encontrá-lo rápido, não o deixar sozinho lá, é a única coisa que me ocorre nesse momento. Você viu, ele me diz quando o encontro. Sim, respondo ofegante. Você é louca, ele me diz também. Eu sei, como um sorriso. (MARTIN, 2021: 26)

O que pode um encontro? Como experiências estéticas, os encontros podem nos fazer atravessar zonas de pensamentos, capazes de instaurar blocos de sensações, alargando nossas visões de mundo calcadas em representações e no senso comum, abrindo o corpo e a vida para a criação de modos outros. E como produzir um encontro nos espaços formativos? Neste trabalho, apostamos na escuta.

Sinto frio. Tateio à procura do meu saco de dormir, me agasalho como posso. Meu espírito parte na direção do urso, volta pra cá, gira, constrói vínculos, analisa e esmiúça, faz planos mirabolantes de sobrevivente. Por dentro isso deve parecer uma proliferação incontrolável de sinapses que enviam e recebem informações mais rápido que nunca, o ritmo é o do sonho, luminoso, fulgurante, autônomo e ingovernável, porém nada foi nunca tão real nem mais atual. Os sons que capto são amplificados, escuto como a fera, eu sou a fera. (MARTIN, 2022: 8)

Não se habita o mundo da mesma forma quando nos colocamos a escutar o silêncio da noite, as ondas do mar quebrando nas praias, os latidos dos cães com suas expressões sonoras distintas para as muitas sensações, como quem não tem pressa para sentir e acompanhar em seus afetos.

Não se habita o mundo da mesma forma quando se escuta o lamento da terra, a chama das matas, o leito vazio do rio, a mão suplicante em busca de alimento, ou um olhar de um vivente qualquer em busca de um sorriso, de uma amizade (ARANTES, 2012).

Escutar é uma alegria, é se deixar afetar pelos sons do mundo, pelo *psiu* da professora em uma sala ensurdecidora de ruídos e barulhos infantis, juvenis, e pelos sentidos que se aguçam à proximidade dos corpos com suas cores, cheiros, texturas, gêneros, adivinhando, no colorido da cor, nas intensidades desta batida de corpos que exalam a outredade, ainda por vir.

Escutar é tudo isto, mas pode ser também outras letras, imagens, línguas, acordes, batuques. Escutar já foi pensado, nas antigas práticas gregas do cuidado de si, como o primeiro passo da ascese:

Primeiramente pois, escutar. Pode-se dizer que escutar é, com efeito, o primeiro passo, o primeiro procedimento na ascese e na subjetivação do discurso verdadeiro, uma vez que escutar, em uma cultura que sabemos bem ter sido fundamentalmente oral, é o que permitirá recolher o *lógos*, recolher o que se diz de verdadeiro. Mas, conduzida como convém, a escuta é também o que levará o indivíduo a persuadir-se da verdade que se lhe diz, da verdade que ele encontra no *lógos*. E enfim a escuta será o primeiro momento deste procedimento pelo qual a verdade ouvida, a verdade escutada e reco-

lhida como se deve, irá de algum modo entranhar-se no sujeito, incrustar-se nele e começar a tomar-se *suus* (a tomar-se sua) e a constituir assim a matriz do *êthos*. A passagem da *alétheia* ao *êthos* (do discurso verdadeiro ao que será regra fundamental de conduta) começa seguramente com a escuta. (FOUCAULT, 2006: 402)

Foucault afirma a escuta como prática da ascese. É o que permite ao sujeito forjar o discurso verdadeiro. A verdade escutada e recolhida como se deve entranhar-se no sujeito, tornando-se regra de conduta. E em uma conjuntura de tantos ruídos e opiniões, o autor traz, como primeiro meio para se produzir uma escuta na prática de si, o silêncio. “É preciso calar-se tanto quanto possível” (FOUCAULT, 2006: 411). Isso não significa apenas não falar enquanto o outro está falando, mas “cercar então a escuta que acaba de se operar com uma aura e uma coroa de silêncio. Não reconverter de imediato aquilo que se ouviu em discurso” (*idem*).

Para escutar como se deve, para que a alma recolha a palavra que lhe é endereçada, é fundamental uma economia dos gestos e palavras, um silêncio ativo e um certo recolhimento, que se opõem à tagarelice. Ou seja, é preciso ter atenção para escutar, escutar mais uma vez, deixar as palavras deslocarem-se e produzirem seus caminhos, sentidos e afecções. Para tanto, o que os gregos nos ensinam é evitar a tagarelice, a pressa no querer se colocar e se posicionar. Trata-se de algo que ganha um sentido ainda mais importante nos espaços formativos, onde nós, professoras, somos culturalmente estimuladas a sacar rapidamente nossos discursos, ignorando ou subjugando outras verdades e práticas de si e de mundos.

Mas, é claro, apenas o silêncio não é suficiente. Para Foucault, na escuta é preciso uma atitude ativa:

Primeiramente, a escuta requer da parte de quem escuta uma determinada atitude física muito precisa e que está claramente descrita nos textos da época. Esta atitude física muito precisa tem uma dupla função. Inicialmente tem a função de permitir a máxima escuta, sem nenhuma interferência, sem nenhuma agitação. A **alma** deve, de algum modo, **acolher sem perturbação a palavra** que lhe é endereçada. (...) É preciso que também o **corpo** permaneça absolutamente calmo. Ele deve exprimir, e de algum modo garantir, selar, a tranquilidade da alma. Daí a necessidade de uma atitude, uma atitude física muito precisa e tão imóvel quanto possível. (FOUCAULT, 2006: 412, grifos nossos)

Talvez seja possível dizer, com Foucault, que a escuta é uma espécie de compromisso, de manifestação da vontade por parte de quem escuta. Envolve um calar-se, uma postura de abertura e atenção, tanto do corpo como da alma. Um “olhar sobre si mesmo, em que, memorizando o que se acabou de ouvir, vê-se-o incrustar-se e aos poucos fazer-se tema no interior da alma que acabou de escutar” (FOUCAULT, 2006: 422). Mais precisamente,

A alma que escuta deve vigiar a si mesma. Prestando atenção como deve àquilo que ouve, ela presta atenção, no que ouve, à significação, ao *prâgma*. Também presta atenção a si mesma a fim de que esta coisa verdadeira venha a tornar-se aos poucos, por sua escuta e sua memória, no discurso que ela mesma sustenta. É este o primeiro ponto da subjetivação do discurso verdadeiro enquanto objetivo final e constante da ascese filosófica. (FOUCAULT, 2006: 422)

Escutar os outros, estudantes, docentes, funcionárias da escola, escutar o vento, os animais, os murmúrios, as risadas, escutar o silêncio. Permitir que a escuta faça vibrar nosso campo problemático, produzindo novos sentidos em nós pela escrita em diário de campo, tal como se pode ler a seguir:

Esse ano tenho alguns alunos em uma turma de 6º ano do CIEP com quem troco muitas ideias sobre cavalos e outros animais que eles criam, entre outros assuntos. Eles sabem que eu “gosto de bicho” e sempre vêm contar os causos com os animais. São

conversas muito interessantes e bastante paradoxais porque misturam elementos de uma cultura especista⁹ instituída, com muito afeto, curiosidade e interesse pelos animais. Um deles, um dia, chegou a me dizer que a coisa que ele mais gostava de fazer era sentar no quintal e ficar observando as galinhas. Ele se sentiu um pouco envergonhado logo depois de falar, mas eu achei a coisa mais linda. Poucas coisas me trazem para o agora (para a vida, para o presente) como contemplar os animais e sua presença transbordante. Assim sempre dividimos nossas impressões e sensações. Adoro ouvir suas histórias, sempre inusitadas para mim, procurando não moralizar, mas manter uma escuta ativa e aberta ao encontro, à comunicação. Outro dia, um me disse que não ia conseguir prestar muita atenção na aula porque tinha ficado até as 4 da manhã no forró... Aí ele diz, “eu tenho alma de velho, professora, eu gosto muito de ir pro forró dançar. Eu danço muito, tá?” “Ah, então vamos dançar qualquer dia”, brinquei... “Ah, eu gosto muito, já fui pra rua brincar com a roupa de sair.” Brincar?, perguntei sorrindo, com a inusitada combinação de atividades. “Sim, fui brincar com as crianças lá na rua, depois eles foram pra casa e eu fui pro forró...” Soltei uma gargalhada. Costumamos também falar muito sobre os modos de manejo dos animais domesticados, eles têm seus próprios conflitos, eu os meus, assim levantamos outras questões e as problematizamos, dentro do possível... E sempre aprendo, sempre me modifico e me reoriento. Na segunda feira passada, assim que cheguei na sala vieram me falar que o cavalo de um deles havia morrido no dia anterior. Ele estava bem triste e me contava detalhes do ocorrido, como fora de repente e sem explicação. Disse que estava no serviço (ele entrega frango assado) quando o pai lhe avisou, mas como estava com clientes não pode se ater muito à notícia. Ao chegar em casa, encontrou com o corpo do animal e disse ter ficado sem chão, chorando muito. Daí veio o que mais me chamou a atenção e que eu nunca havia parado para pensar. O que se faz na favela com o corpo de um cavalo morto? Se queima. Enterrar é inviável (além do espaço que seria necessário, imagine cavar um buraco grande o suficiente para enterrar um cavalo), é pesado demais para levar para outro lugar, recolher ninguém recolhe, o Estado não quer saber... Assim, o pai lhe mandou voltar à rua para catar pneus e queimar o cavalo. Ele tentou se negar, mas foi obrigado. Vi o vídeo, postado nos stories do whatsapp. O animal pegando fogo com as patas esticadas para cima, cheio de pneus em volta. Uma cena de dar embrulho assistir pelo celular, que dirá para esse menino, que amava o animal, vendo seu corpo queimar em seu próprio quintal, sentindo um cheiro que nunca irá esquecer (lembrei do cheiro do crematório para onde levei os três últimos cães que perdi, um cheiro de tristeza). E hoje teria que queimar mais depois que saísse da escola, talvez por alguns dias. Ao perceber o meu choque, outros alunos contaram suas próprias histórias dos corpos de seus cavalos queimados. Muitos alunos têm equinos em péssimas condições de saúde, alguns vindos de apreensões, não tomam vacinas, a alimentação é inadequada, então não é raro que venham a óbito. Que efeitos formativos tais práticas têm sobre essas crianças? Como poderia eu querer apontar os caminhos que elas podem tomar, em um mundo em que me mantenho tão privilegiada? (Fragmentos de diários de pesquisa, junho de 2022) (MELLO, 2023)

Nas pesquisas com formação inventiva, na busca por sentidos outros, escutam-se – para tecer encontros, gestos mínimos e ampliar o grau de suportabilidade para viver uma experiência. Neste sentido, os diários de campo ganham um contorno de texto inscrito em devir (ALTOÉ, 2004), pois só habitando o presente, escutando-o com outros e outros, escrevemos. Uma escrita, no caso, que muitas vezes se inicia com pequenos fragmentos, tal como nos mostra Blanchot (2001; 2010), como aquilo que antecipa um devir. Com eles – fragmentos de escritas e diários –, enfrentamos o desafio de saber que não há manual para produzir uma formação inventiva. É na escuta e na dimensão acontecimental do encontro que apostamos para produzir outros modos de ser e de se relacionar com o mundo. A escrita diarística pode, talvez, constituir esta face relacional de abertura para o encontro, na relação com a escuta e com o que nos acontece. Como Nastassja narra em seu caderno noturno, depois do encontro com o urso:

E de novo esses olhares que transpassam, que povoam as lembranças com imagens fugazes, vibrantes. Constelações de detalhes que pululam no corpo; flashes de cores

⁹ Especismo pode ser definido como “a opressão sofrida por quem não pertence a uma certa espécie” (OLIVEIRA, 2021). É similar ao racismo e ao machismo, onde os interesses de um indivíduo não contam ou têm menor importância, somente pelo fato de ele pertencer a um certo grupo - no caso, a outra espécie.

que lembram a ele o que já se perdeu dos seres em copresença. Fantasmático do desejo próprio às florestas, aos predadores solitários, à sua raiva, ao seu orgulho e a sua vigília. Tensão de seus encontros inesperados, inconfessáveis, improváveis, em devir, no entanto. Porque sozinhos eles se perdem, porque sozinhos eles se fecham, porque sozinhos eles esquecem. O cruzamento de seus olhares os salva de si mesmo ao projetá-los na alteridade daquele que os enfrenta. O cruzamento de seus olhares os mantém vivos. (MARTIN, 2021: 27)

Este é um trecho de seu diário descrito no livro, com a data de 8 de julho de 2014, em letras itálicas, sem destaque do texto – procedimento próximo ao que usamos aqui quando trazemos nossa escrita diarística e cruzando, assim, os modos de produzir escrita por entre diários.

Mas Nastassja Martin, logo após transcrever esta passagem de diário e de nos ter explicado suas cores e funções¹⁰, acrescenta:

Naquela noite, ao fechar o caderno preto, apago minha lanterna de cabeça e fico deitada no escuro com os olhos abertos, escuto o som das respirações em volta. O que está acontecendo? Eu me lembro da perturbação. Estou me transformando em algo que ignoro; **isso** fala através de mim. (*Idem*: 27-28) (Grifo da autora)

Com seu caderno preto, Nastassja Martin escreve porque está profundamente afetada, de olhos abertos e escutando, com a experiência imediata, pulsional, selvagem, que não tem outra vocação além de expressar o que a atravessa, um estado de corpo e alma, paradoxalmente menos bem acabada, a escrita dos cadernos noturnos, será trabalhada em seguida. Com efeito, a antropóloga mostra-nos – com *Escute as feras* – que tais escritas noturnas podem se tornar reflexão, gestos de escritas, com carne e sangue, o que terminará nas páginas de um livro, uma dissertação, uma tese, uma pesquisa (DIAS e RODRIGUES, 2019).

Inverno

Se o urso é um reflexo de mim mesma, que expressão simbólica dessa figura estou explorando com mais frequência? Se não tivesse acontecido seu olhar amarelo no meu olhar azul, talvez eu pudesse me satisfazer com essas correspondências. Ainda que preferisse usar o termo **ressonância**. Mas aconteceu o entrelaçar dos nossos corpos, aconteceu esse incompreensível **nós**, esse **nós** que, de maneira confusa, sinto vir de longe, de um antes situado bem aquém de nossa existência limitada. Fico revirando essas perguntas na minha cabeça. Porque nós nos escolhemos? O que tenho realmente em comum com a fera e desde quando? A verdade sobre mim é que nunca busquei pacificar minha vida, e menos ainda meus encontros. [...] Trabalho há anos num grande Norte assolado por profundas mutações. Sei lidar com as metamorfoses, a explosão, o *Kairós*, o acontecimento. Encontro o que dizer, porque a situação de crise sempre me parece boa para pensar; porque ela contém a possibilidade de uma outra vida, de um outro mundo. (MARTIN, 2022: 59-60, grifos da autora)

Como Nastassja Martin nos faz ver e falar em/com seu livro, com os cadernos de pesquisa, de campo, diários, as práticas e pesquisas com formação inventiva não buscam uma verdade a ser desvelada pela escuta; mas podem se constituir em forte aliado para ganharmos um espaço de crítica, para explorar como as diferentes práticas de escuta se articulam com as experiências que fazemos de nós mesmos no contemporâneo. Talvez seja possível dizer que com os diários de campo, do modo como os temos usado, seguimos afirmando o movimento de uma certa desessencialização do humano que abra corpos e espaços para expressar a outredade nos trabalhos com a educação, fazendo operar usos acontecimentais para que seja possível inventar um fazer outro.

¹⁰ Os cadernos diurnos são repletos de notas esparsas, descrições minuciosas, até que ela – Martin – volte para casa e confira a eles uma ordem para fazer deles algo inteligível, compartilhável. O caderno noturno, preto, possui um conteúdo parcial, fragmentário, instável, porque não se sabe definir o que vai dentro dele.

Em trabalhos anteriores de uma de nós (DIAS, 2014), questionamos se formar professores é produção de subjetividades. A problematização reverbera aqui com o que expressamos por outredade. O que estamos chamando de outredade? O que nos força a pensar é que a outredade pode designar um lugar, um encontro, uma substância, um estado, ou seja, algo que aponta a um alheio mais ou menos fixo que, ao esboçar uma faceta de gesto, gesto mínimo, ganha uma face de movimento, de processo que adquire relevo na produção da existência. É neste sentido que nos interessa uma desobediência linguageira, afirmada com a outredade má-tukha. Interessa-nos mais, com efeito, do que construir o que quer que seja em torno do conceito de alteridade, de produção de subjetividade. Mulherursa sugere, ainda, uma posição: sugere que se trata de ação, o que de algum modo implica uma sujeita que a empreenda e sofra. É entre essas duas posições – a de sujeita a e a de sujeita de – que a outredade mulherursa se situa.

É uma senhora quem fecha as minhas feridas. Eu a vejo manejar o fio e a agulha com um cuidado infinito. Passei do estágio da dor, não sinto mais nada, mas continuo consciente, nem uma gota me escapa, estou lúcida para além da minha humanidade, separada do meu corpo e ainda habitando nele. *Vsió búdiet khorochó*, vai ficar tudo bem. A voz dela, as mãos dela, isso é tudo. (MARTIN, 2021: 9)

Assim escreve Nastassja, confrontada com a mão de uma mulher que a atende, primeiramente, logo após o acidente. Otimista, a mulher, então em pleno movimento de costura, afirmava a potência de recomeçar, tal o cuidado infinito que tecia em sua capacidade de se colocar no agora, para intervir, imediatamente, contra o homem, que entra no quarto e ergue o seu celular para fotografar e imortalizar o instante.

Então o horror tem mesmo um rosto, que não é o meu, mas o dele. Eu me enfureço. (...) Só consigo resmungar para que ele pare e escondo desajeitadamente meu rosto, estou destruída, despedaçada. A velha senhora entende, empurra-o para fora e fecha a porta, as pessoas, ela diz, você sabe como elas são. (*idem*: 10)

É em Petropávlovsk, na Rússia, no hospital, que, pela primeira vez após o urso, a protagonista perde a consciência – nada de nada, como ela diz, o vazio, o branco, sem sonho. E, ao acordar, é outra mulher que chega sorridente e acrescenta: “você vai sair desta”. Era inimaginável que, num futuro não muito distante, um acontecimento mulherursa lhe demandaria abrir fendas no corpo da mulher, confrontando-a, para abrir-se ao espaço de transformação se si, uma outredade.

O livro *Escute as feras* convoca-nos a experimentar uma vertigem, na medida em que, a cada costura, somos transportadas para os entremeios de uma antropóloga e a mulherursa, por meio de uma escrita vibrante, que pulsa num ritmo não menos potente e cadenciado. À medida que acompanhamos Nastassja narrando as cenas e se estranhando em palavras imagéticas, duplicam-se, infinitamente, os pontos de olhar, de escutar e de narrar.

Negando a (desgastada, mas ainda defendida) pseudoneutralidade e assepsia dos modos de pesquisar, sabemos que o campo transforma o pesquisador. Mas Nastassja dá visibilidade à radicalidade dessa transformação, do devir que se instaura entre dois seres que se afetam mutuamente. A outredade da má-tukha vem colocar em questão os discursos da identidade que insistem em dotar a existência de uma substancialidade previsível, o que em nada lhe diz respeito. Questão que é um convite, já feito por Nietzsche (2008), a não temer a dimensão do tornar-se, outrar-se, pois nele podemos ler que, de algum modo, existe distância entre onde se está e o que se é. Desde aí, outredade implica uma fronteira em movimento, uma estranheza que começa a ganhar contornos (impensados) e que, por isso

mesmo, desloca, desequilibra, problematiza, dessubjetiva. Um eterno por vir, pois ainda que tenhamos a sensação de que o tempo é só linear, de sucessão, ele não é senão corte, remontagem e duração:

é do corpo que nascem todos os “outros lugares”, todos os desejos de sair do corpo onde estamos cercados [...]. A experiência corporal é a experiência da incorporação do outro mundo e do contramundo, como vemos no domínio do sagrado ou na dança: o corpo, ao mesmo tempo produto de seus fantasmas e produtor do fantástico. (LAVAL, 2019: 120-1)

Este encanto com o corpo sela a relação *sujeitoespaçotempo* que compõem as heterotopias. Um entre que só existe em relação consigo, com o outro, com o tempo, com os espaços. Ao se compor na materialidade do corpo, nos permite vivê-las como experiência. No caso de Nastassja, uma redobra de si vai se produzindo a cada evento que se segue ao beijo do urso e vai sendo apresentada no decorrer da narrativa. No nosso caso, com este artigo, como nas estações do ano, deixamo-nos atravessar, a todo instante, por pequenos abismos e fendas que o tempo inscreve na existência.

As mudanças me renovam. Refrescam corpo e espírito. E 2020 foi um ano de mais mudanças. Nova escola, nova sala de leitura, agora na Escola Municipal Oswaldo Teixeira. Um novo começo. Pelo meio. Cheguei ali levantando poeira, literalmente. Arrumando o espaço, limpando, mexendo, revirando livros, mobiliários, fantasias (é uma tradição da escola a montagem de peças teatrais). Esse é um mundo ao qual eu pertença. E cheguei também abrindo o espaço para alunos e professores (inicialmente um pouco resistentes), expondo o acervo, contando histórias... As crianças do primeiro ano começaram a chamar a sala de “sala dos sonhos”. E se apropriaram do espaço e dos livros rapidamente. Ah, as crianças! A proposta pedagógica da escola gira em torno da literatura. E esse ano vai trabalhar memórias, tendo como fio condutor o livro “Alice através do espelho” de Lewis Carroll. Mais uma camada de heterotopia para tecer a rede que compõe as salas de leitura. (Fragmento de diário Pesquisa – 18/02/2020) (SECRON, 2020: 66)

Habitar escola básica e universidade de forma inventiva é fazer uma aposta ética, estética e política de afirmar nossa capacidade de produção de linhas de fuga para promover insurgências e invenção. Buscamos, nesse sentido, práticas que tenham a arte e a escrita de si (FOUCAULT, 2006) como elementos promotores de pensar e de fazer educação com o corpo. O corpo que habita e produz os territórios. O corpo que limpa, que fantasia, que lê, que escreve, que está dentro e fora da escola, que habita muitos espaços, que produz uma educação em movimento, no entre da relação *sujeitoespaçotempo* com a escola e à revelia dela e que, problematizando o dado, o instituído, inventa novas formas de ser e estar no mundo, heterotopicamente.

Tempo das estações – outono, inverno, primavera e verão – que remontam fronteiras, Kamtchátka que fosse, diria Nastassja. A estranheiridade é sempre uma figura tangível quando se trata de delinear algo do encontro com a alteridade. Encontro problematizador e crítico que desenha uma zona fronteira de experiência, na qual coexistem a impossibilidade de definir o outro e a convocação a produzir algum registro para que algum enlace, alguma abertura, alguma vibração, se estabeleça (DIAS, 2011).

No que se refere à formação inventiva, haveria que se tomar em conta o convite a uma outredade, na medida em que a dimensão da nomeação do alheio e de como essa apropriação acontece. Como cultivar a atenção e a escuta que nos colocam na experiência? Como registrar e apresentar os achados de uma formação inventiva? Como fazer as vozes e a língua de outros aparecerem nas escritas das

pesquisas com a invenção? Como deixar pairar dúvidas, incertezas, nos lugares de uma formação já habitada e conhecida previamente?

Primavera

Abro meu caderno preto, fico rabiscando até o dia nascer. Nessa noite, escrevo que é preciso acreditar nas feras, em seus silêncios, em seu comedimento; acreditar nos sinais de alerta, nas paredes brancas e nuas, nos lençóis amarelos desse quarto de hospital; acreditar no retraimento que trabalha o corpo e a alma num não lugar que conserva sua neutralidade e sua indiferença, sua transversalidade. O que é disforme se torna preciso, se desenha, se redefine tranquila e brutalmente. Desinervar reinervar misturar fundir exertar. Meu corpo depois do urso depois de suas garras, meu corpo em sangue e sem a morte, meu corpo cheio de vida, de fios e de mãos, meu corpo em forma de mundo aberto onde múltiplos seres se encontram, meu corpo que se recupera com eles, sem eles; meu corpo é uma revolução.

No fim da noite isso me aparece com muita clareza: quero agradecer a ela por suas mãos, suas mãos de mulher que não sabiam, que também não esperavam por isso, encarar as brechas abertas pelo bicho do outro mundo. Suas mãos que retiram, que limpam, que acrescentam, que tornam a fechar. Suas mãos urbanas que buscam soluções para problemas com feras. Suas mãos que transigem com a lembrança de um urso na minha boca, que participam da alteração do meu corpo já híbrido. Digo a mim mesma nessa noite que é preciso abrir a elas um espaço para me curar, um espaço junto a todos aqueles que ainda rondam no hiperbóreo, um lugar junto a todos os acrobatas, caçadores e sonhadores que me são tão caros. Devo encontrar uma posição de equilíbrio que permita a coabitação de elementos de mundos divergentes, depositados no fundo do meu corpo sem negociação. Tudo já aconteceu: meu corpo se tornou um ponto de convergência. É essa verdade iconoclasta que precisa ser integrada e digerida. Preciso desarmar a animosidade dos **fragmentos** de mundos entre si e em si mesmos para levar em conta somente sua alquimia futura. E para arrematar essa operação de corpo e espírito, é preciso desde já voltar a fechar as fronteiras imunológicas, costurar novamente as aberturas, reabsorvê-las, isto é, decidir encerrar. É preciso cicatrizar. Encerrar é aceitar que tudo aquilo que em mim foi depositado me compõe a partir de agora, mas que daqui em diante não se entra mais. Eu penso: aqui dentro deve mesmo estar parecendo a arca de Noé. Fecho os olhos. A água sobe, os cais se inundam é preciso levantar âncora fechar as escotilhas temos todos aqueles de quem precisamos para enfrentar o oceano adeus vamos navegar. (MARTIN, 2021: 53-54, grifos nossos)

Navegar é preciso, já disse o poeta, e Nastassja Martin nos rememora esta posição corpórea de seguir a navegar com sua outredade mulherursa, com seus diários, com seus fragmentos que funcionam tal como um dispositivo. O dispositivo não é simples ferramenta a mais para analisar e intervir nas escutas, nas feras que Nastassja forja com sua experiência-limite. Aqui, neste artigo, o dispositivo demarca, em primeiro lugar, um conjunto heterogêneo que engloba discursos, práticas, estratégias, leis, regulações, instituições, enunciados científicos, filosóficos, morais, de políticas de saúde e de educação. Em suma, é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2008). Em segundo lugar, o dispositivo demarca os tecidos relacionais que podem existir nas posições e nas mudanças de posições nas práticas institucionais, e as que singularmente nos interessam ligam escola básica e universidade. Em terceiro lugar, o dispositivo demarca um modo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. Nestes termos, o dispositivo possui função e objetivo estratégicos, englobando um duplo processo – solução e invenção – que nos posiciona, como acentua Foucault (2008: 246), “diante de um problema que ainda não resolvi”. Sempre inscrito em um jogo de poder, saber e subjetivação, o dispositivo possui uma dimensão discursiva e uma não discursiva, sempre envolvendo um jogo de relações de força, seja para desenvolvê-lo em determinada direção, para bloqueá-lo, para estabilizá-lo, para utilizá-lo, para transformá-lo.

Compreendi algo importante hoje. Curar-me desse combate não é somente um gesto de metamorfose autocentrada. **É um gesto político.** Meu corpo se tornou um território onde cirurgiãs ocidentais dialogam com ursos siberianos. Ou melhor, tentam estabelecer um diálogo. **As relações que se tecem** no seio desse pequeno país que se tornou o meu corpo são frágeis, delicadas. É um país vulcânico, tudo pode mudar a qualquer momento. Nosso trabalho, o dela, o meu, e o dessa coisa indefinível que o urso depositou no fundo do meu corpo, consiste, de agora em diante, em “manter a comunicação”. (MARTIN, 2022: 55, grifo nosso)

Talvez seja a materialização deste gesto político – micropolítico, melhor dizendo – gesto mínimo, promovido com as escritas de diário que nos faz relacioná-lo ao dispositivo. Pois o que realmente desejamos, nós mulheres professoras, com os trabalhos com as escolas e as formações, é esta posição, é este encanto de manter vivo um campo de relações de forças e de comunicações. Escutar, ler, reler, estudar, reescrever, pensar consigo e pensar com outros para tecer uma ethopoiesis de si (FOUCAULT, 2006), em sua outredade.

Ao navegar por nossas práticas de formar perspectivadas pela invenção, recuperamos uma vez mais a escrita de diário que expressa estes gestos políticos, micropolíticos, com a escrita.

Estou sentada no campus universitário e com uma alegria imensa de estar comigo. Eu, minha caneta e meu diário de pesquisa. [...] Paro para olhar a imagem que se constrói com o reflexo do sol na caneta em meu caderno. Ao escrever um círculo se imprime como sombra da caneta no papel. Um pequeno círculo sombreado que segue os traçados das sílabas escritas. Cada círculo abre espaço para uma palavra devir. Fica uma bonita imagem circular de continuidade. Se distancio a caneta do papel o círculo se amplia, inviabilizando que as palavras sejam escritas. Ao escrever, melhor dizendo, para escrever é preciso estar próximo e seguir os círculos bem devagar... Gostei desta experiência circular. O sol me aquecendo, um vento frio atravessando este calor e, junto com ele, uma sombra circular na que cabe somente uma sílaba. Acho que é o anúncio de uma experiência lenta e temporal comigo, com a escrita e com o tempo. (Fragmentos de diário de pesquisa, 08/08/2012) (DIAS, 2019b: 3)

Navegamos um pouco mais com estas escritas que se constituem como efeitos de reelaboração da experiência política, micropolítica, para possibilitar uma potencialização da vida e suas estetizações consigo e com outras e outros. O que nos interessa é que a micropolítica rompe com a concepção tradicional de política, ampliando-a e, por conseguinte, transformando-a, pois cria um novo regime de visibilidades e aumenta o grau/ângulo de visualização de como atuam as relações de forças, nesse caso investimentos desejantes, que configuram processos instituintes e instituídos, assumem distintos graus de organização/comunicação e resulta na gestão da vida, na produção de subjetividades.

Nessa perspectiva, a política passa a estar difusa em distintas instâncias e não se restringe à participação nas escolas e nas formações instituídas, reprodutoras de normas, currículos e funcionamentos sociais. Muitas práticas, assim, se tornam políticas, uma vez que estão imbuídas de forças, expressam regimes desejantes e governam a vida. Por isso, se fala em políticas escolares, políticas de formação, da subjetividade, do corpo, da escrita, do desejo etc.

Trabalhar com esta perspectiva, na escola e na formação é provocar o encontro entre desejo e campo social, isto é, entre diferentes, embora imanentes, políticas que produzem a educação. Tal modo de pensar, ser e agir nos aproxima muito mais de ações diretas, gestos mínimos, de movimentos de invenção de si e de mundos, em vez de nos vincular a tradicionais modelos de uma política institucionalizada, ou de um centralismo que funciona na/com a primazia da representação. Portanto, grande parte dos trabalhos referenciados na formação inventiva partilha uma concepção crítica em relação aos aspectos instituídos das estruturas sociais e escolares. Fomentamos, com isso, autogestão, participação plural

e generalizada, processos de deslocamento e potencialização dos conjuntos sociais em que se analisa e se intervém.

Com as navegações, as escritas em diários, os dispositivos e modos autogestionários de trabalho com as escolas e as formações buscamos engendrar linhas de resistência e de afecção contra os poderes e saberes que entristecem os coletivos e a vida. Trata-se de uma experimentação ativa que se persegue com o projeto ético-estético-político. Com tal experimentação, exaltamos e defendemos as diversas políticas das multiplicidades, do dissenso, pois são instâncias criadoras de outros mundos possíveis.

Verão

São muitos os desafios que a educação impõe a nós professoras. Manter-se em estado de inquietude, em desequilíbrio, atentar para o cuidado de si, fugindo da tagarelice, afirmando práticas de invenção e produção de subjetividades, buscar com gestos mínimos, nas micropolíticas da educação, produzir uma escola e uma universidade outras.

Creio que, ainda crianças, herdamos territórios que nos será preciso conquistar ao longo de toda a vida. Quando pequena, queria viver porque existiam as feras, os cavalos e o chamado da floresta; as vastidões, as montanhas elevadas e o mar tempestuoso; os acrobatas, os equilibristas e os contadores de histórias. A antevida se resumia à sala de aula, à matemática e à cidade. (MARTIN, 2021: 60)

Nastassja encontrou na antropologia um espaço para se exprimir nesse mundo e se tornar ela mesma (MARTIN, 2021: 60); nós o encontramos na filosofia e na insistência em outrar uma escola e uma universidade. Pois, assim como Nastassja, nós três, mulheres e professoras e pesquisadoras, preferimos escrever o que nos acontece, nos passa, como gesto mínimo, autogestionário, apostando que “é a incerteza quanto ao desfecho do combate que preside o acontecimento inacreditável que, contudo, se dá” (Idem: 97).

Afirmamos que os diários podem se constituir como dispositivos de resistência aos modos hegemônicos e coloniais de fazer pesquisa na medida em que se descolam de perspectivas representacionais e assépticas. Os diários são escritas que mergulham nas intensidades da experiência, já que seu foco principal não é descrever factuais ou emitir opiniões, mas, sobretudo, narrar aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos (BARROS e KASTRUP, 2009). Trata-se de anotações motivadas pelas afetações geradas no processo da pesquisa, sem periodicidade regrada nem intenção de provar alguma coisa. São relatos que mergulham nas intensidades da experiência, buscando “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2011: 23).

Nastassja tem vários cadernos de campo, verde, azul, bege, marrom, preto... Eu também, não só cadernos, mas uma infinidade de espaços de escrita. A feitura de um diário surge em mim como um transbordamento, que ocorre normalmente nos momentos em que estou mais transtornada ou encantada, e assim se faz onde for possível: no caderno, na agenda, no celular, num bloquinho, no computador, em uma folha solta e amassada, no verso de um texto impresso... Com a escrita, sinto ser possível abrir-se para o intempestivo, para as forças que nos atravessam no presente, para os agenciamentos coletivos que nos tomam e forçam o pensamento a conduzir-se por outros caminhos. Vejo a escrita, assim, como uma oportunidade. Uma oportunidade de encontro comigo mesma, com o presente inebriado pelos acontecimentos que se deram, com as implicações que poderiam passar despercebidas, com as brechas de uma aparente normalidade. (Fragmentos de diários de pesquisa, maio de 2023)(MELLO, No Prelo).

Escrever possibilita historicizar, registrar o cotidiano e, com isso, colocar em análise acontecimentos e afecções. Com escritas diarísticas produzimos linhas que se abrem para movimentos distintos das sequências planejadas e controladas do campo da educação. Com ele, o diário, nos deixamos atravessar pelas cenas acontecimentais com outros, agenciando-nos para suportar o que emerge do encontro e poder habitar o presente sem saber antecipadamente os efeitos deste encontro.

Não consigo escrever todo dia. Nem nos momentos em que a angústia me abate e as frases nascem prontas sedentas de papel. O cotidiano é cruel e limitante. Hoje consegui. Preciso registrar muitas coisas e aí vai.

Estamos passando no Brasil por um momento político complicado, tenso. Ando profundamente abalada com tudo, como muitos de meus pares. Choro em alguns momentos, fico histérica em outros, compulsiva nas redes sociais, ou decidida a me afastar delas, sorrio esperançosa, tenho medo... Um mar de sentimentos contraditórios, que me tomam e que tento racionalizar e controlar. Tento.

No entanto, desde sexta-feira 19/10/2018 tenho vivido momentos incríveis! Intensos! Coletivos! É como se uma onda amorosa estivesse nos tomando nessa reta final de eleição. Juntamos nossos corpos (sim, nossos corpos físicos!) e nossas almas, para nos acolher e fortalecer diante da barbárie que se anuncia e se apresenta. Não que ela já não estivesse instalada, mas está sendo legitimada. Com possibilidade de ser ampliada como já visto em outros momentos da história. E isso dói barbaramente!

Nossa estratégia: nos unir. Sobreviver. Manter a sanidade. Estarmos alegres! Cantar, dançar! Estudar! Escrever! Há que se escrever. Para não nos perdermos uns dos outros. Para não nos perdermos de nós. (Fragmentos de diários de pesquisa, 24/10/2018) (SECRON, 2020: 22)

Reler este fragmento de uma de nós nos posicionando e reposicionando nos dispositivos usados para viver além destes últimos seis anos no Brasil, com nossos trabalhos com as escolas, com as formações, com a pandemia, com os ataques à ciência e com os encantos e encontros com as feras em nossos modos de trabalhar. Porque assim como se apresenta a mulherursa, nos apresentamos também, em outredade, diariamente, com nossos estudantes, nossas pesquisas e nossos trabalhos por entre escolas e universidades e escritas de diários. Talvez porque “é preciso poder viver mais além, como dizem todos aqueles que vivem aqui na floresta sobre o rio sob o vulcão. É preciso poder viver depois com e diante disso; simplesmente viver mais além” (MARTIN, 2022: 98).

Os diários e seus fragmentos fazem com que nos embrenhemos nas zonas de vizinhança da outredade e delas possamos voltar transformadas, com a capacidade de encarar o que acontece de maneira não pensada, não convencional, para seguir forjando modos outros de formar. Com os diários nos posicionamos em coragem para os encontros que nos colocam em perigo, encontros com as feras e seus encantos, com as instituições em jogo, coletivizando gestos mínimos. Neste sentido, forjamos vínculos em forma de potenciais, que contribuem para nos colocarmos em vulnerabilidade no acontecimento do encontro com outras professoras e estudantes. Como dito, desde o início, o que desejamos com uma formação inventiva é acompanhar aqueles e aquelas que já realizam um movimento formativo micropolítico associado à produção de subjetividade, e que aprendem a rir não das teorias, claro, mas da autoridade associada a elas. Pois, como nos diz Martin (2022: 106), mais uma vez, “haverá uma única e mesma história, polifônica, aquela que tecemos juntos, eles e eu, sobre tudo aquilo que nos atravessa e nos constitui”.

Recebido em 11 de junho de 2023.
Aceito em 1 de agosto de 2023.

Referências

- ALTOÉ, Sônia. *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- ARANTES, Esther Maria de Magalhães. “Escutar”. In: FONSECA, T. M.G.; NASCIMENTO, M.L.; MARASCHIN, C. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. “Cartografar é acompanhar processos”. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOCIA, L (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. pp.52-75.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 3: a ausência do livro, o neutro, o fragmentário*. São Paulo: Escuta, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. São Paulo: Escuta, 2001.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. *Deslocamentos na formação de professores: aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Vida e Resistência: formar professores pode ser produção de subjetividade? *Psicologia em Estudo*, 19 (3): 415-426, 2014.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Pesquisa-Intervenção e Formação Inventiva de Professores. *Polis & Psique*, 5 (2): 193–209, 2015.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. “Modos de trabalhar uma formação inventiva de professores: escrita de si, arte, universidade e escola básica”. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019a. pp. 13-36.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Formação inventiva de professores por entre tessituras ética, estética e política de escritas acadêmicas. *Childhood & Philosophy*, 15: 1-26, 2019b.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; Dias; PELUSO, Marilena; BARBOSA, Márcia. Conversas entre micropolítica e formação inventiva de professores. *Revista Mnemosine*, 9 (1): 224-237, 2013.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. “Da lição e das lições de Michel Foucault: entre os perigos do discurso e a coragem da verdade”. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Ordens do discurso: comentários marginais à aula de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020. pp. 29-50.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; BARROS, Maria Elizabeth Barros; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. A questão da formação a partir de Proust e os signos – o acaso do encontro e a necessidade do pensamento. *Revista ETD*, 20 (4): 2018.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: Edições n-1, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papirus, 1999.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019,

LOURAU, René. *Análise institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1993.

MARTIN, Nastassja. *Escute as feras*. São Paulo: Editora 34, 2021.

MELLO, Ana Luiza Gonçalves Dias. *Antiespecismo e formação de professoras*. Tese de Doutorado, Educação, UERJ, 2023. No Prelo.

MELLO, Ana Luiza Gonçalves Dias; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Por uma formação inventiva antiespecista. *Revista Mnemosine*, 16 (1): 208-231, 2020.

NIETZSCHE, Frederich. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, F.A.G. “Especismo Estrutural: Os animais não humanos como um grupo oprimido”. In: PARENTE, A.; DANNER, F.; SILVA, M.A. da. (Orgs.). *Animalidades Fundamentos, aplicações e desafios contemporâneos*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

ROLNIK, Sueli. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

SECRON, Liliana. *Salas de leitura e suas heterotopias como dispositivo para uma Formação Inventiva de Professores*. Dissertação de Mestrado, Educação, UERJ, 2020.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (69): 442-464, 2018.